



A Universidade Federal da Bahia vive este mês de abril rico momento de discussão sobre o seu papel na sociedade baiana e, junto com isso, sobre o papel das Universidades como um todo nos cenários local, nacional e mundial. Estamos em campanha, eu e Dirceu Martins, atual Diretor do Instituto de Química, para a escolha do novo Reitor e Vice Reitor da instituição, que será definida em maio próximo, através de uma eleição conduzida pelas entidades representativas de professores, servidores técnico-administrativos e estudantes.

O processo de discussão não é tão intenso como gostaríamos, porém estamos tentando fazê-la em todos os espaços possíveis, através de debates, listas eletrônicas, corredores, salas de aulas, auditórios e cantinas. O que queremos é discutir a Universidade Pública, para defendê-la, de forma intransigente, como uma universidade de qualidade acadêmica, autônoma, democrática, laica, socialmente referenciada e que contemple as demandas dos diversos segmentos sociais.

Mais especificamente, queremos ajudar a construir a nossa UFBA de forma sólida, sem desconhecer o que já foi feito, mas acertando os caminhos e, principalmente, fortalecendo as instâncias democráticas da Instituição, como por exemplo os seus Conselhos Superiores, Congregações de Unidades e Departamentos.

O que temos visto é que, em função da falta de compromisso dos últimos governos com a Universidade Pública, esta se voltou drasticamente para um processo de captação de recursos extra-orçamentários fragmentados que comprometem sua autonomia e sua produção crítica, distorcendo o caráter público do ensino, da pesquisa e da extensão. Na UFBA, a expansão de cursos pagos, prestação de serviços e gerenciamento de recursos por fundações privadas exigem que se estabeleça ampla discussão com a comunidade universitária sobre a necessária transparência e controle desses recursos. Verbas complementares, oriundas de projetos específicos, são sempre bem vindas, desde que esse aporte não leve ao estrangulamento da liberdade necessária para a

criação de novos conhecimentos e culturas, do exercício da crítica e que ocorram de forma transparente sem a instalação de espaços privados dentro da UFBA, como vimos em um passado bem recente com a Fundação Baiana de Cardiologia (FBC) dentro do Hospital Universitário Edgar Santos (HUPES).

Temos insistido na necessidade de estabelecermos uma forte articulação entre as instituições de pesquisa e ensino superior públicas federais (UFBA, UFRB, UNIVASF, CEFET, Fiocruz, e Escolas Agrícolas Federais) e estaduais (UNEB, UEFS, UESC e UESB) com o objetivo de implantar um processo horizontal de relacionamento, visando aos avanços das pesquisas científica e tecnológica, da saúde e do desenvolvimento cultural e educacional, de forma a possibilitar maior enfrentamento das profundas desigualdades sociais e regionais da Bahia. No campo da pesquisa e da pós-graduação, essas ações articuladas em termos estaduais demandam o estabelecimento de políticas integradas e integradoras para a implantação de infra-estrutura interinstitucional e a intensificação de formação de redes de pesquisa e de sistemas integrados de bibliotecas, entre outros. A expansão da UFBA, com a instalação de novos campi pelo interior do Estado, nessa perspectiva, passa a ser uma questão de todo o sistema e não simplesmente um desejo da própria UFBA ou do Governo Federal.

Desse modo, pensar o futuro no caso das universidades públicas brasileiras, e da UFBA em particular, significa pensar o vir-a-ser, no tempo e no espaço, sem a pressa de quem pretensamente quer resolver todos os problemas do hoje, mas entendendo esses problemas e desenvolvendo os mecanismos necessários para a sua superação. Assim, a nova gestão da UFBA para o período 2006-2010 precisa estar comprometida com a defesa da universidade como um espaço público - talvez um dos últimos! - desse mundo dito globalizado que, no entanto, produz tanta desigualdade, guerras e injustiças sociais. Esse é o nosso compromisso público.

